

## PONTE DE AMARANTE – 1809

### UMA OPERAÇÃO MUITO ESPECIAL

Durante a segunda invasão francesa, as tropas do Marechal Soult entraram em Portugal pela veiga de Chaves e marcharam sobre a cidade do Porto, que conquistaram a 29 de Março de 1809. Enquanto Soult se aproximava do Porto, uma força mista de populares e unidades regulares portuguesas, sob o comando do General Silveira, havia retomado Chaves, a 25 de Março. A partir daí, as ligações de Soult com o exército francês na Galiza ficavam seriamente comprometidas. Disposto a actuar contra a retaguarda do exército invasor, Silveira progrediu na direcção do Porto, e, a 13 de Abril, entrou em Penafiel, levando as suas avançadas até Paredes.

Soult, sentindo-se ameaçado pelos progressos do general português, fez convergir sobre Penafiel e Amarante um forte destacamento, no qual se incluíam duas brigadas sob o comando do general Loison – o tristemente célebre *Maneta*. A missão deste destacamento incluía a neutralização das hostes de Silveira e a conquista das passagens do Tâmega. Garantiria, deste modo, uma provável linha de retirada por Trás-os-Montes.

Silveira manteve-se em Manhufe até 18 de Abril. Nesta data, sabendo que o exército francês tinha já as suas unidades mais avançadas na Lixa, retirou para Amarante, instalando-se defensivamente na margem esquerda do Tâmega.

Ainda nesse dia 18, as tropas francesas lograram ficar à vista de Amarante, iniciando encarniçados combates com os portugueses. No dia seguinte, 19 de Abril, a luta prosseguiu. Os franceses conseguiram, então, ocupar o convento de São Gonçalo, sendo logo guarnecido por duas companhias de atiradores. O Regimento de Infantaria (RI) 17 francês instalou-se nas casas até à ponte; a cavalaria e os RI 70 e 80 ocuparam o terreno de pomares de ambos os lados da estrada, junto ao rio. A instalação nessas posições não foi tarefa fácil porque, entrincheirados do outro lado do rio, os soldados portugueses não cessaram de alvejar as tropas invasoras com forte fuzilaria. O avanço francês foi, então, detido por alguns dias. Os combates continuariam, no entanto, com o emprego de artilharia, mas com os dois exércitos separadas pelo rio Tâmega.

Na manhã de 24 de Abril, o capitão Bouchard, do exército francês, subiu à torre do convento e daí examinou o terreno da margem oposta. Descobriu, então, que os portugueses haviam montado um dispositivo destinado a fazer explodir a ponte, se tal se tornasse necessário. Não podendo permitir a destruição daquela importante travessia do rio, a prioridade do exército francês passou a ser o planeamento da conquista da ponte, mas intacta.

Durante a noite de 27 de Abril, o capitão Bouchard conseguiu, com o auxílio de sapadores, queimar a paliçada que os nossos haviam erguido a meio da ponte. Com o tabuleiro desimpedido, faltava apenas arranjar um processo de anular as nossas defesas e, principalmente, impedir o accionamento da mina colocada na ponte. Bouchard propôs aos seus superiores fazer ir pelos ares os entrincheiramentos da margem oposta por meio de barris de pólvora cuja explosão destruiria, segundo ele, o aparelho montado pelos portugueses e destinado a comunicar o fogo à mina do arco. Na confusão que daí resultaria, as tropas francesas avançariam rapidamente, não sendo de esperar grande resistência, dada a confiança que os defensores tinham em poder cortar a ponte no momento preciso. Após várias dificuldades, o plano foi aceite.

Em 1 de Maio, às 8 horas da noite, Bouchard colocou, um pouco a jusante da ponte, um pelotão de atiradores cuja missão não era outra senão distrair, pelo fogo, a atenção dos defensores portugueses. Ao mesmo tempo, um sapador, envolto em roupas escuras, começou a rastejar, cuidadosamente, junto à guarda da ponte que conferia maior sombra, empurrando com a cabeça um barril de pólvora previamente tornado silencioso pela aplicação de um estofa escuro. Por este processo, o sapador logrou encostar o barril aos entrincheiramentos portugueses localizados na extremidade da ponte, retirando-se, depois, com todo o cuidado. Outros três sapadores haveriam de colocar, de modo idêntico, outros tantos barris. Apesar de o último sapador ter sido descoberto quando regressava às linhas francesas, sendo ferido a tiro numa perna, a guarnição portuguesa não se aperceberia das verdadeiras razões da presença de um soldado inimigo a meio do tabuleiro.

O tiroteio causado pelo incidente iria durar até próximo da uma hora da madrugada. Por volta dessa hora, as tropas portuguesas que guardavam a ponte suspenderam o fogo. Foi então que um quinto sapador, a coberto da escuridão, rastejou ao longo da ponte e colocou adequadamente a mecha que deveria fazer explodir os barris de pólvora.

A madrugada de 2 de Maio proporcionou aos franceses um inesperado aliado: um espesso nevoeiro envolveu toda a zona ribeirinha de Amarante, retirando à guarnição dos entrincheiramentos portugueses toda a visibilidade para a margem oposta. Às quatro horas, era acesa a mecha e tudo haveria de passar-se como Bouchard previra. Um clarão deslumbrante e um estampido medonho deixaram as tropas portuguesas completamente atordoadas. Os sapadores franceses, aproveitando a confusão, correram pela ponte para completar a sua acção, lançando água sobre a mina que os portugueses haviam preparado e destruindo as barricadas em frente da ponte. Logo depois, foi a vez da infantaria francesa entrar em acção, passando para a margem esquerda do Tâmega e manobrando, rapidamente, para envolver pela retaguarda as posições do general Silveira. Apanhado de surpresa, o valoroso militar teria mesmo que saltar por uma janela para o jardim da casa onde instalara o seu posto de comando, para não cair nas mãos do inimigo.

Durara 14 dias a defesa da Ponte de Amarante. Apesar de pontualmente vencidas, as tropas de Silveira haviam conseguido imobilizar grandes efectivos franceses e contribuído, decisivamente, para o malogro da 2.<sup>a</sup> invasão.

*David Martelo*

Publicado na revista “O Ranger” n.º 7 – Maio de 2001